

SILVINA OCAMPO

# A fúria e outros contos

*Tradução*

Livia Deorsola

*Posfácio*

Laura Janina Hosiasson



Copyright © 1959 by Silvina Ocampo  
Copyright © 2019 by Herdeiros de Silvina Ocampo

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A tradutora agradece a Rita Mattar, Cristina Deorsola e Silvia Deorsola Sacramento.

*Título original*

La furia y otros cuentos (ed. de Ernesto Montequin, Editorial Sudamericana, 2006)

*Capa*

Elisa von Randow

*Ilustração de capa*

Cristina Daura

*Preparação*

Julia Passos

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ocampo, Silvina.

A fúria e outros contos / Silvina Ocampo ; tradução Livia Deorsola ; posfácio Laura Janina Hosiasson. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: La furia y otros cuentos

ISBN 978-85-359-3260-7

1. Contos argentinos I. Hosiasson, Laura Janina. II. Título.

19-24422

CDD-Ar863

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura argentina Ar863

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# Sumário

- A lebre dourada, 7
- A continuação, 11
- O mal, 22
- O rebento, 25
- A casa de açúcar, 32
- A casa dos relógios, 43
- Mimoso, 50
- O caderno, 56
- A sibila, 62
- O porão, 71
- As fotografias, 74
- Magush, 80
- A propriedade, 84
- Os objetos, 89
- Nós, 93
- A fúria, 97
- Carta perdida em uma gaveta, 107
- O carrasco, 113

- Azeviche, 116  
A última tarde, 120  
O vestido de veludo, 125  
Os sonhos de Leopoldina, 130  
As ondas, 138  
O casamento, 144  
A paciente e o médico, 149  
Voz ao telefone, 157  
O castigo, 166  
A oração, 174  
A criação, 184  
O nojo, 188  
O prazer e a penitência, 194  
Os amigos, 199  
Relatório do Céu e do Inferno, 208  
A raça inextinguível, 210

*Um chamado à lucidez e à imaginação*  
— Laura Janina Hosiasson, 213

# A lebre dourada

No coração da tarde, o sol a iluminava como um holocausto nas lâminas da história sagrada. As lebres não são todas iguais, Jacinto, e não era sua pelagem, acredite, que a distingua das outras lebres, não eram seus olhos de tártaro nem a forma caprichosa de suas orelhas; era algo que ia muito além do que nós, humanos, chamamos de personalidade. As inumeráveis transmigrações que sua alma tinha sofrido lhe ensinaram a se tornar invisível ou visível nos momentos indicados, para haver cumplicidade com Deus ou com alguns anjos intrépidos. Durante cinco minutos, ao meio-dia, ela detinha-se sempre no mesmo lugar da campina; com as orelhas erguidas, escutava algo.

O ruído ensurdecedor de uma cachoeira capaz de afugentar os pássaros e a crepitação do incêndio de um bosque, que aterroriza as feras mais temerárias, não teriam dilatado tanto seus olhos; o pressentido murmurário do mundo do qual se lembrava, povoado de animais pré-históricos, de templos que pareciam árvores ressecadas, de guerras cujos objetivos eram alcançados pelos guerreiros quando os objetivos já eram outros, deixavam-na

mais dona de si e mais sagaz. Um dia parou, como de costume, na hora em que o sol cai vertiginosamente sobre as árvores, sem lhes permitir fazer sombra, e ouviu latidos, não de um cachorro, e sim de muitos, que corriam enlouquecidos pela campina.

Com um salto seco, a lebre cruzou o caminho e começou a correr; os cachorros correram atrás dela confusamente.

— Para onde vamos? — gritava a lebre com a voz trêmula, apressada.

— Até o fim da sua vida — berravam os cães com vozes de cães.

Esta não é uma história para crianças, Jacinto; talvez influenciada por Jorge Alberto Orellana, que tem sete anos e sempre me pede que lhe conte histórias, é que cito as palavras dos cães e da lebre, que o deixam encantado. Sabemos que uma lebre pode ser cúmplice de Deus e dos anjos, se permanecer muda diante de interlocutores mudos.

Os cachorros não eram maus, mas tinham jurado alcançar a lebre com a única intenção de matá-la. A lebre adentrou um bosque, onde as folhas estalavam estrepitosamente; cruzou um prado em que o pasto ondulava com suavidade; cruzou um jardim, onde havia quatro estátuas das estações do ano, e um pátio coberto de flores, onde algumas pessoas ao redor de uma mesa tomavam café. As senhoras pousaram as xícaras para ver a carreira desenfreada que, em suas passagens, derrubava a toalha, as laranjas, os cachos de uva, as ameixas, as garrafas de vinho. Na primeira posição estava a lebre, ligeira como uma flecha; na segunda, o cão pila; na terceira, o dinamarquês preto; na quarta, o tigrado grande; na quinta, o pastor; na última, o galgo. Por cinco vezes, a matilha, correndo atrás da lebre, cruzou o pátio e pisou as flores. Na segunda volta, a lebre ocupava a segunda posição e o galgo, sempre em último. Na terceira volta, a lebre ocupava a terceira posição. A carreira seguiu através do pátio; cruzou-o

outras duas vezes, até que a lebre ocupou a última colocação. Os cães corriam com a língua de fora e os olhos entreibertos. Nesse momento começaram a desenhar círculos, maiores ou menores à medida que aceleravam ou diminuíam a marcha. O dinamarquês preto teve tempo de afanar um alfajor ou algo parecido, que manteve na boca até o fim da corrida.

A lebre berrava:

— Não corram tanto, não corram assim. Estamos passeando.

Mas nenhum deles a escutava, porque sua voz era como a voz do vento.

Os cachorros correram tanto que, afinal, caíram desfalecidos, a ponto de morrer, com a língua de fora feito um trapo comprido e vermelho. A lebre, com sua doçura cintilante, aproximou-se deles levando no focinho trevos úmidos, que pôs sobre a testa de cada um dos cães. Eles voltaram a si.

— Quem colocou água fria em nossa testa? — perguntou o maior deles. — E por que não nos deu de beber?

— Quem nos acariciou com os bigodes? — disse o menor.

— Achei que eram moscas.

— Quem nos lambeu a orelha? — interrogou o mais magro, tremendo.

— Quem salvou nossa vida? — bradou a lebre, olhando para todos os lados.

— Tem algo estranho aqui — disse o cão tigrado, mordendo com minúcia uma das patas.

— Parece que éramos em maior número.

— Será porque estamos cheirando a lebre? — disse o cão pila coçando a orelha. — Não seria a primeira vez.

A lebre estava sentada entre seus inimigos. Tinha assumido uma postura de cachorro. Em certo momento, até ela duvidou se era um cachorro ou uma lebre.

— Quem será este que está olhando para nós? — perguntou o dinamarquês preto, movendo uma só orelha.

— Nenhum de nós — disse o cão pila, bocejando.  
— Seja lá quem for, estou muito cansado para olhar para ele — suspirou o dinamarquês tigrado.

De súbito, ouviram-se vozes, que chamavam:

— Dragão, Sombra, Ayax, Lurón, Senhor, Ayax.

Os cachorros saíram correndo e a lebre ficou imóvel por um momento, sozinha, em meio à campina. Mexeu o focinho três ou quatro vezes, como se estivesse farejando um objeto afrodisíaco. Deus, ou algo parecido a Deus, a estava chamando, e a lebre, talvez revelando sua imortalidade, fugiu num salto.

# A continuação

Nas estantes do quarto, você vai encontrar o livro de medicina, o lenço de seda e o dinheiro que me emprestou. Não fale de mim com minha mãe. Não fale de mim com Hernán, não esqueça que ele tem doze anos e que minha atitude o deixou muito impressionado. Te dou de presente o abridor de cartas que está sobre a mesa de cabeceira, ao lado do cinzeiro; deixei-o envolto numa folha de jornal. Você não gostava dele, porque você não gostava das coisas que não eram suas. Preferia seu canivete.

Vou embora deste país para sempre. Você deve ter achado meu comportamento estranho, absurdo até, e talvez continuará te parecendo absurdo depois desta explicação. Não importa, nada me importa agora. A fidelidade deixou em mim um hábito singelo, cujas últimas manifestações aparecem ao menos no meu desejo de te explicar nestas páginas muitas circunstâncias difíceis de serem esclarecidas. Sinto-me como aqueles colegiais preguiçosos, que não se esmeraram muito em escrever uma redação extremamente abstrusa e cujas falhas não lhe serão perdoadas. Você nunca se interessou muito por meus afazeres literários,

como eu não me interessei por seus afazeres profissionais. Você sabe muito bem o que penso sobre seus colegas, por mais honestos e abnegados que sejam. Davam-me nojo as reuniões, os diálogos obscenos deles. Você me acusa de ser exigente. Admiti que você tinha certa superioridade sobre eles, por exemplo, a de ser mais sensível; no entanto, você sabe que essa não era nem sequer a mínima virtude à qual minha exigência aspirava; que eu considerasse você superior a essa gente tampouco devia te lisonjear. Meu modo de pensar te distanciava de mim, da mesma forma que a sua distração, no que se refere à literatura, me distanciava de você. Mesmo quando falávamos sobre flores, mesmo quando falávamos sobre música, havia rancor. Você se lembra das lâminas do refeitório onde ficamos sabendo o nome das azaleias? Lembra-se das *Canções sérias* de Brahms? Dos *Madrigais* de Monteverdi? Lembra-se de tudo o que nos levou à discórdia? Tudo, até esta frase afetada que você me disse um dia, no Jardim Botânico: “Não gosto de flores. Agora sei que nunca gostei de flores”. As coisas da vida que mais me interessavam eram os problemas que eu não conseguia desentranhar e que eram absurdos para você: como eu tinha que escrever, qual o estilo, que temas devia buscar. Eu nunca alcançava, claro, um resultado satisfatório; via, ao contrário, a sua satisfação diante do dever cumprido, o que te dava às vezes certa dignidade invejável e efêmera. Você suportava privações, incômodos, mas era mais feliz que eu. Pelo menos era isso que a sua alegria apregoava, quando você chegava como um cachorro sedento para tomar água. Eu vivia em meio a dúvida, à insatisfação. Saía do meu trabalho para me esconder nas páginas de um livro. Admirava os escritores mais dispare, mais antagônicos. Nada me parecia elaborado o suficiente, fluido o suficiente, mágico o suficiente; nada muito engenhoso, nem muito espontâneo; nada muito rigoroso, nem muito livre.

Contei a alguns amigos um enredo que me veio à cabeça e, pela expressão que fizeram, entendi que não os comovia nem os interessava. À medida que eu ia contando, o calor ou o frio não os deixava respirar, alguns tinham que atender um telefonema, outros se lembravam de que tinham perdido algo importante. Quase não me escutavam, quase não fingiam me escutar. Pior que a indiferença vinda de você era a indiferença profissional deles. Com eles eu também não me entendia.

Como inventei esse enredo? Por que ele me cativou tanto? Não saberia dizer. Várias vezes comecei a escrever. A princípio, era a impossibilidade de encontrar o nome dos protagonistas o que me fazia parar. Comecei os primeiros parágrafos em janeiro, quando Elena teve aquele desmaio e voltamos da ilha de lancha, que providencialmente nos levou ao clube. Vou submeter alguns deles à sua leitura. Comecei a escrever com entusiasmo, tanto entusiasmo que no fim da semana, quando podíamos passar os dias como bem entendêssemos, ao ar livre, em vez de nadar ou de remar com vocês, eu me escondia atrás das folhas, no silêncio em que submergiam os problemas literários nos quais minha vida estava mergulhada. Vocês dois, Elena e você, me olhavam com reticência, pensando que não era a loucura que me espreitava, e sim que eu espreitava a loucura, para atormentar a quem estivesse por perto. Entre as volutas de fumaça dos cigarros dos dois, você me olhava com ódio, enquanto acariciava um cão porfiado que sempre te esperava, que esperava ser seu porque não tinha dono. Em vez de olhar para você ou olhar para Elena, eu preferia estudar a paisagem. Várias vezes você me perguntou se eu estava desenhando, porque o movimento da minha cabeça, quando eu escrevia, parecia o de um desenhista. Outras pessoas já tinham me dito isso; fiquei furiosa porque foi você quem disse. Entre as volutas de fumaça dos cigarros você me olhava com desdém, mas com um desdém forçado. Não entendo o que nos unia.

Nada que não fosse desagradável. Meu trabalho não te inspirava nenhum respeito: você dizia que era preciso trabalhar pelo bem da humanidade e que todas as minhas obras eram patranhas ou modos abjetos de “ganhar dinheiro”. Causava-me surpresa o tom da sua voz, seu linguajar ordinário. Você usava as palavras sem discernimento e com muita candura. Eu te perdoava porque sabia que era uma afetuosa maneira de me enfurecer. Às vezes eu pensava que você tinha razão. Muitas vezes penso que os outros têm razão, ainda que não tenham.

Como você deve se lembrar, foi em janeiro que comecei a escrever meu conto. Uma noite, a mais linda que existiu para mim em termos visuais, esperamos seu aniversário até as cinco da manhã, estendidos na grama do recreio do Delta. Assistimos ao amanhecer. Quando você me falou dos seus problemas, eu quase não te escutava. Compunha mentalmente minhas frases e às vezes as esboçava na caderneta que ganhei de Elena. Justamente porque era você que me mostrava, eu não olhava para as estrelas que se afundavam na água quando passavam as lanchas, nem a primeira luz da aurora, nem as nuvens que, de acordo com você, formavam o desenho de um morcego gigantesco. Eu procurava a solidão. Não admitia que você dirigisse minha atenção; queria descobrir tudo aquilo por minha conta. Fazia-me o prazer abstrato de construir personagens, situações e lugares na minha mente, segundo os cânones efêmeros que tinha proposto a mim mesma. Aquela cena, no entanto, me serviu de ponto de partida para minha história. Sempre foi difícil para mim inventar paisagens e, por isso, o que estava vendo me serviu de modelo. Nessa mesma hora, em um lugar parecido, Leonardo Moran começa a escrever sua despedida e expõe como concebeu o projeto de se suicidar. O que motiva a resolução dele? Nunca cheguei a determinar isso, porque me parecia supérfluo, chato de escrever. Sua maior desventura é seu estado de ânimo. Muitas coisas per-

turbam Moran, o conectam com a vida. Para chegar ao fim dela, tem que fazer com que os acontecimentos sejam desviados, de modo que nada o detenha, nenhum afeto, nenhum interesse humano. Depois de muitos papéis rasgados, de objetos perdidos, de afetos desfeitos, a vida fica mais leve. As lajotas vermelhas do pátio, umedecidas pela chuva, já não o enternecem, e se o fazem, será de modo agradável. Os vidros onde se reflete o sol outonal e as estátuas quebradas já não têm o poder de comovê-lo, e se o comovem será para entretê-lo. As pessoas são como cifras e se distinguem umas das outras pitorescamente. As tediosas predileções já não existem em seu coração.

Vivia dentro do meu personagem, como uma criança dentro de sua mãe: eu me alimentava dele. Para mim, era mais grave o que acontecia a ele do que aquilo que acontecia a você e a mim. Quando eu caminhava pelas ruas, pensava em me encontrar em qualquer esquina com Leonardo, não com você. Os cabelos dele, os olhos, o jeito de andar me encantavam. Ao te beijar, imaginei os lábios dele e me esqueci dos seus. Se as mãos dele se pareciam com as suas, era só pelo tato; a forma era mais perfeita, a cor, diferente, o anel que ele usava era o que eu teria gostado de te dar de presente. Meus sonhos, em vez de serem povoados de imagens, eram povoados de frases, frases das quais eu me esquecia, chegada a vigília.

Leonardo Moran, depois de perder seu emprego, trata de destruir os últimos laços sentimentais e pergunta a um retrato de Úrsula: *Não terei eu audácia suficiente para complicar nosso destino, emaranhá-lo de tal modo que minha atitude te obrigue a me desprezar, a me rejeitar, a se afastar de mim?* O retrato responde, sua boca articula palavras que para mim não eram ridículas. O tom falsamente sublime de minhas frases ou a impressão de ter cometido um plágio me induziu a abandonar o conto. Talvez tenha sido a vida, que me requeria com mais insistência.

Quando queria escrever, algo se interpunha para me impedir. Úrsula e Leonardo afundavam-se no esquecimento. A compra de um par de sapatos, a desordem dos meus livros, meus amigos mais distantes, as coisas mais insignificantes me perturbavam. A vida voltava a cativar minha atenção com sua trivialidade mágica, com suas postergações, com seus afetos. Como se saísse de um porão úmido e escuro, voltei ao mundo. Eu queria te explicar que a luz me surpreendia: tamanho tinha sido o meu afastamento dela. Queria te explicar que o espetáculo azul de um céu com glicínias me doía.

Tive momentos de felicidade, de fidelidade; não sei se coincidiram com os seus. Mas a felicidade se tornou venenosa. Com usura, eu contabilizava o que você me dava e o que eu te dava, querendo sempre ganhar na troca. Meu amor adquiriu os sintomas de uma loucura. Tinha eu razão em me afligir porque você de fato me enganou? Essas coisas a gente descobre quando é tarde demais, quando deixamos de ser nós mesmos. Eu te amava como se você me pertencesse, sem me lembrar de que ninguém pertence a ninguém, de que possuir algo, qualquer coisa, é um sofrimento vão. Queria você só para mim, como Leonardo Moran queria Úrsula. Abominei o sangue ciumento e exclusivo que corria em minhas veias. Maldisse o rosto hermético do meu avô paterno no daguerreótipo, porque achei que ele fosse o culpado por todos os meus pecados, por todos os meus erros. Eu te abominei porque você me amava normalmente, naturalmente, sem inquietudes, porque dava atenção a outras pessoas. Eu te pedi uma soma de dinheiro que sabia que não podia conseguir, para que algo prosaico rompesse o lirismo dos nossos diálogos; da mesma maneira teria te cravado um punhal ou teria queimado as suas pálpebras com ferro candente enquanto você estivesse dormindo, pois a sua inocência se assemelhava um pouco ao sonho, e meu ato, ao crime. Como se alguém tivesse me hipnotizado, lem-